



impressão que neste assunto o povo sente-se como “ovelha sem pastor”, principalmente na realidade urbana que nos envolve.

Nem guerra religiosa, nem sincretismo eclético são soluções cabíveis. Não pode a espiritualidade cristã, por outro lado, centrar-se no intimismo espiritual que revigora o individualismo e status quo. Nada melhor para o sistema neoliberal do que religiões sem profetismo, sem martírio e sem sacrifício. Bem demonstrou Jung Mo Sung no livro: “Desejo, Mercado e Religião” (Vozes, 1998) o quanto o mercado e a economia servem-se da religião para seus interesses.

A espiritualidade cristã se caracteriza por ser trinitária, cristocêntrica, eclesial, sacramental, fraterna e solidária no seguimento de Jesus. A tônica da espiritualidade no século XXI certamente será a alteridade, a compaixão, a defesa da ecologia, o ecumenismo, a paz mundial. Tudo isso começando por um encontro com Cristo Vivo, caminho de conversão, de comunhão e de solidariedade. Com uma forte experiência pessoal de Deus, mais a convivência comunitária e a ação transformadora, a espiritualidade será a alavanca que moverá o novo milênio, rumo a um novo céu e uma nova terra.

Endereço do Autor:

Cx.Postal 284
89201-970 JOINVILLE, SC

Notas

¹ *El vuelo del quetzal*, Colección “Maiz Nuestro”, I, Panamá 1988, p. 50-56

² Documento 65 da CNBB

³ Místico espanhol, do séc. XVI (1542-1591)

⁴ Fundador dos Jesuítas, também do séc. XVI (1491-1556)

O texto procura refletir alguns aspectos da Formação Presbiteral neste início de milênio e suas implicações para a prática formativa. Isto, a partir da OSIB, organismo da CNBB que congrega atualmente cerca de 800 casas de formação, seminários e institutos, em nosso país. Após apresentar o percurso de uma história e a contextualização da problemática, o autor faz algumas perspectivas e, por último, expõe a metodologia do processo formativo. E conclui alertando para a necessidade da constante adequação desse processo aos sinais dos tempos, à luz da Palavra de Deus e das orientações do Magistério, em Seminários que alargam suas fronteiras, incorporando novos espaços de formação.

Ser Igreja no novo milênio

A formação presbiteral

Pe. Vitor Hugo Mendes

Mestre em Educação, Vice-Presidente da OSLAM/CELAM e
Diretor da Escola de Formadores da OSIB/CRB/SC



A

A Igreja no Brasil, mediante o trabalho da CNBB, agora já vislumbrando a celebração jubilar dos seus 50 anos, em reconhecida atuação, por vezes, não sem uma explícita polêmica, tem procurado indicar, de modo renovado, os horizontes da *Ação Evangelizadora*. Há que se reconhecer que, de muitos modos, tem realizado um grande empenho em distinguir o joio do trigo, e assim, ressoar a *Boa Notícia do Evangelho* em autêntica continuidade ao espírito do Vaticano II, em profunda adesão à comunhão e participação.

Não poderia ser diferente! *Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e sempre!* (Hb 13, 8) mas o seu anúncio requer, como vem insistindo o Santo Padre, uma “Evangelização nova: nova em seu ardor, nova em seus métodos, em suas expressões” (João Paulo II, 1984). Essa lucidez profética, agora octogenária de Wojtyła, deverá ser motivo de grande reflexão no *Novo Milênio Ineunte*, tendo em vista reconstruir a esperança em meio a Babel polifônica do nosso tempo. Como já fez notar a CNBB, *Ser Igreja no Novo Milênio* exige “renovar a consciência da identidade e da missão da Igreja no Brasil, num contexto em rápida mudança, que questiona muitas das formas de existir e de agir das comunidades eclesiais e de cada cristão” (CNBB, 2000:05).

Considerando tal perspectiva, este artigo¹ propõe-se a refletir sobre alguns aspectos da Formação Presbiteral no novo milênio e suas implicações para a prática formativa, a partir da Organização dos Seminários e Institutos de Filosofia e Teologia no Brasil – OSIB. Organismo da CNBB, fundado em 1978, a OSIB congrega, atualmente, cerca de 800 casas de formação, seminários e institutos, buscando orientar a condução do processo formativo.

O percurso de uma história e a contextualização da problemática

A expectativa eufórica do novo milênio povoou o imaginário de um modo inacreditável. Impulsionado pelo clima milenarista, o senso comum passou a fantasiar a realidade, engendrou sonhos e maravilhas que pareciam antecipar a plenitude dos tempos. Em uma leitura fundamentalista e apocalíptica, chegou-se a noticiar a chegada de uma “nova era”, mas também do “fim do mundo”, com igual entusiasmo e apreensão. Tudo será diferente, anunciavam os profetas do novo tempo, como se a transição cronológica



estivesse possuída de um “passe de mágica”.

Em outra perspectiva, mas com igual impacto, as assombrosas transformações da sociedade no final de século e de milênio, também influíram grandemente nos meios acadêmicos, gerando um certo desencanto com as possibilidades da razão, o avanço técnico-científico e as práticas sociais. Em meio a uma diluída e controversa *crise de paradigmas*, proliferaram análises tratando do “fim da história”, da “morte das ideologias” e, no seu caráter mais radical, da “crise civilizacional do Ocidente”.

É interessante observar que o ambiente cristão e católico, mesmo ao celebrar a festa *magna* dos 2000 anos do nascimento de Jesus Cristo, não passou incólume ao desencanto com a emancipação humana e o clima exotérico e histórico do final de século e de milênio. Na configuração deste caleidoscópio religioso, há quem interprete tudo isso como a “era do espírito”. No entanto, este amálgama de perspectivas talvez constitua o “espírito da época”. Permeado de antigas e sempre novas heresias e querelas ideológicas, tal situação tem comprometido a autenticidade da *Esperança Cristã*. Mais do que isso, tem deixado à mostra a complexidade e a extensão dos desafios que a evangelização nas atuais circunstâncias deverá enfrentar.

Neste campo aberto de questões amplas, complexas e contraditórias, vale registrar o acento polêmico que tais inflexões tem instaurado em torno da formação presbiteral. Dada a sua importância na definição do caminhar da Igreja e, especificamente, na evangelização no novo milênio, não podemos atribuir às habilidades do acaso o fato de que, paradoxalmente, quanto maiores são os investimentos no âmbito do processo formativo, em medida crescente, abundam as críticas e as insatisfações com os seus resultados.

Se considerarmos somente a última década do século passado, salta aos olhos a quantidade de orientações e eventos que foram oferecidos em nível de igreja universal, latino-americana, nacional e regional. Neste sentido podemos fazer o seguinte balanço: o *Sínodo sobre a Formação Presbiteral* (1990), a *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis* (1992), o *Iº Congresso Continental Latino-americano de Vocações* (1994), as *Diretrizes da Formação Presbiteral da Igreja no Brasil* (1995), o estudo sobre a *Situação e Vida dos Seminaristas Maiores no Brasil* (1995), as *Diretrizes da Formação Presbiteral em Santa Catarina* (1998), o *Iº Congresso Vocacional do Brasil* (1999), o *Iº Seminário Nacional sobre a Formação Presbiteral da Igreja no Brasil* (2000), o *Fórum de Estudos e Debates sobre a Formação Presbiteral no Brasil* (2001).



Apesar de todas essas realizações, multiplicam-se aos milhares os indicativos de que há aspectos a serem considerados, ou seja, há problemas na condução do processo formativo. Setores, os mais diversos, têm procurado evidenciar os descompassos percebidos na caminhada e, na mesma medida, apresentam sugestões e encaminhamentos:

– “quanto à vida nos seminários, entre os seminaristas prevalece, muitas vezes, um certo intelectualismo (identifica-se a formação com o estudo) e, sobretudo, muito individualismo, que se expressa em relacionamentos formais e superficiais. Sinais alarmantes de tudo isso são: a impaciência com que muitos anseiam passar para a vida pastoral, como se o seminário fosse tão somente uma passagem obrigatória, e as bem conhecidas dificuldades que se dão no relacionamento entre párocos e vigários paroquiais. A própria vida espiritual, às vezes, tende a se tornar uma mera formalidade. Um sintoma desta situação, entre os demais, é o fato de serem poucos os seminaristas que se utilizam voluntariamente da direção espiritual. Há, até, uma tendência a levar uma vida dupla: a vida ‘oficial’ e a outra, particular, da qual não se comunica nada a ninguém. São as próprias afirmações dos superiores e dos bispos que confirmam os limites do atual sistema de formação. Significativa é, por exemplo, a observação de um reitor, o qual, depois de um ano de permanência no seminário, constatou com pesar, como se pode chegar a ser padre sem ter uma verdadeira experiência de fé, sendo perfeito em muitas coisas, mas sendo incapaz de transmitir aos outros a própria experiência de Deus. (...) O ponto de partida para a formação sacerdotal hoje devem ser necessariamente as perspectivas fundamentais do Concílio Vaticano II (...)” (Blaumeiser, 1990:04);

– “é preciso formar os seminaristas na reflexão e na aquisição de um espírito crítico, fundado sobre uma argumentação objetiva e séria. É lamentável o espetáculo de alguns seminaristas incapazes de mínima reflexão pessoal, que adotam qualquer ideologia da moda, numa incoerência total de comportamento. Como poderão eles ajudar o povo a discernir entre os valores que o mundo propõe ao consumo da sociedade, e as exigências do Evangelho? (...) Quem, porém, ousará quebrar o tabu das ordenações diaconais e presbiterais suntuosas e triunfalistas, que pertencem a um passado anteconciliar ultrapassado? O fato de que os seminaristas mais ‘engajados nas ideologias libertadoras’ não ousem cometer tal sacrilégio, não é sinal animador quanto à autenticidade evangélica da formação recebida. Talvez essa manifestação ambígua de clericalismo de outra idade comece muito mais cedo, desde o primeiro chamado vocacional. O esforço imenso,



feito em todas as dioceses do Brasil, para reanimar a pastoral vocacional, já deu muitos frutos de santidade e de vida evangélica. Nas paróquias do interior, porém, onde o seminarista se sente admirado e carregado por toda a comunidade, podem faltar as rupturas necessárias entre uma vida humanamente equilibrada e a opção radical por causa do Evangelho e do seguimento de Jesus. A vocação apareceria mais como uma promoção, do que um serviço na base da opção preferencial pelos pobres. O processo de formação não deve queimar, pois, as etapas do discernimento. Precisa dar tempo ao tempo e providenciar estágios em vários ambientes, para testar o chamado inicial. Seria muito desejável uma revalorização do diaconato: tempo de serviço humilde e não de presidência, para aprender que o padre antes de tudo é o servidor da comunidade. E por que não incluir no processo de formação estágios em outras dioceses, outras igrejas, até em outras terras, para abrir uma visão mais católica da Igreja?” (Cuénot, 1993:38)

– “várias comunidades vêm manifestando sua inquietação com a formação e atuação sobretudo de alguns dos novos padres. (...) Os problemas mais constantes giram em torno de algumas áreas bem específicas: aburguesamento, acomodação, autoritarismo, resistência ao trabalho colegiado e superficialidade na formação intelectual. No espírito da Igreja-Povo de Deus, rica dos mais variados carismas e ministérios, queremos ainda oferecer-lhes nossa ajuda e oração, para que os novos padres possam ser, a exemplo de Jesus, servidores de todos, principalmente dos pobres e excluídos” (D. Mauro Montagnoli – Carta do Seminário Nacional das CEB's à OSIB – 1999);

– “algumas questões emergentes suscitam maior atenção: percebe-se que alguns presbíteros que recém concluíram a formação inicial, tendem a um certo ‘intimismo subjetivista’ e isolamento que dificulta a pastoral de conjunto e, marcadamente, a Pastoral Presbiteral. Constata-se que a crescente e visível desqualificação acadêmica, sobretudo no campo teológico, agravada pela fragilidade emocional, tem trazido entraves na pastoral, na liturgia, na orientação espiritual, comprometendo a eficácia da evangelização como um todo. Prevalece ainda, muitas vezes, devido à escassez de vocações, a aceitação de seminaristas egressos sem a devida consulta, como indica o Documento da CNBB aprovado pela Assembléia de 1997. E os Seminários orientados por movimentos eclesiais? Estão de acordo com as orientações da Formação dos Presbíteros na Igreja no Brasil, e conforme os encaminhamentos que emanam do Setor Vocações e Ministérios, mais precisamente, a OSIB?” (Comunicado da Comissão Nacional do Clero na 37ª Assembléia da CNBB – 1999);



– “a sensibilidade dos alunos de filosofia e teologia dos seminários mudou muito em relação aos anos 70 e primeira metade dos anos 80. A preocupação com a dimensão sócio-política deixou lugar a uma preocupação consigo mesmo; maior sensibilidade à estética, procura do prazer, da emoção religiosa; mais facilidade de justapor na própria experiência de vida opções diferentes, aparentemente antagônicas; escasso interesse e rigor especulativo; tudo é mais ‘personalizado’...” (Antoniazzi, 1997:01);

– “Muita gente pensa que a figura do padre mudou. ‘Voltou a ser antiga’. O jeito de ser padre tinha se renovado na década de 60 com o Concílio Vaticano II e aqui na América Latina com Medellín. A partir dos anos 80, uma ‘nova’ orientação foi seguida e a figura do padre ‘retomou’ alguns aspectos do antigo modo de ser’. O problema é que esta nova figura nem segue mais o modelo do Concílio e da Igreja conciliar, nem consegue voltar a ser o padre dos anos 50” (Barros, 2001:18);

– “O que chama a atenção numa visão de sobrevôo – sem levar em conta os detalhes e correndo o risco de generalização – é o gosto dos padres novos pelos sinais distintivos de sua condição – festas, vestes, poderes – , ausência de inquietação com relação ao destino da sociedade (e da Igreja), pouco amor (nenhum?) aos estudos, nenhuma paixão pelo ecumenismo, pela justiça social. Presbíteros mais preocupados com o seu caráter e poder sagrados do que com uma presença significativa no mundo, com o diálogo com a sociedade, com o serviço competente ao homem de hoje. No meio de tudo isso há os presbíteros *high-tech*, uma espécie de sacralização pós-moderna: combinação de um discurso mágico-fundamentalista (apologético) com os recursos mercadológicos da comunicação de massa. Esta descrição sumária, até mesmo caricata, pode não fazer justiça ao conjunto, mas é, sem dúvida, expressão de uma tendência. Conjuntural?” (Benedetti, 1999);

– “É hoje quase um lugar comum afirmar que nos encontramos num tempo de crise, no mundo como na Igreja. (...) Mas nomeadamente, o que é que está em crise? Mais uma vez: uma crise, quando tal, jamais é um pequeno mal localizado. Ela é sempre abrangente, compreende um punhado de incertezas, impasses, um desnorteamento generalizado. Sem subterfúgios: o que está em crise na instituição seminarística, não é isto nem aquilo. A instituição seminarística precisa urgentemente de uma forma mais integral de viver, de amar, de rezar, de sonhar, de lutar, de sofrer, de ser feliz. (...) Os seminários são apenas a caixa de ressonância do modelo eclesiológico adotado pela Igreja



nos últimos anos. Os clérigos recém-formados são filhos legítimos da atual catolicidade. (...) Neste contexto, degradou-se inevitavelmente a formação presbiteral a um sistema muito bem organizado de assimilação de doutrinas e vocábulos religiosos, de aprendizado de costumes e práticas funcionais apenas, produzindo aquilo que eu chamaria de: o culto das exterioridades. (...) Os seminários e as casas de formação têm que deixar de ser casernas, para serem um espaço em que haja uma ocupação sincera com o crescer de cada um, na direção de uma relação de profunda intimidade com Deus. E ainda: um lugar da formação pessoal, do cultivo sincero dos valores que observamos na vida de Jesus Cristo: a bondade desprendida, o caráter íntegro, o cuidado com os outros, a veracidade, a liberdade, o saber bem preparado, o trabalho dedicado. Se isto for o que queremos, então há muito a ser modificado, estruturalmente, nas habitações formativas” (Nery, 2000:02)

– “no âmbito da *comunidade educativa*, percebeu-se que estamos em uma mudança de época e que é indispensável que o Seminário passe por um grande processo de transformação. De fato, enquanto instituição, o Seminário não está preparando os futuros padres para as exigências do mundo de hoje. Ele não ajuda o jovem a perceber que o mundo a ser evangelizado é muito mais amplo do que os limites da paróquia e dos ambientes intra-eclesiais. Além disso, as equipes de formação carecem de estabilidade e de integração. Às vezes a formação é confundida ou reduzida ao mero aspecto intelectual. Faltam formadores dispostos, liberados, amparados pelas Igrejas locais. Viuse ainda que a própria infra-estrutura dos Seminários não corresponde aos critérios formativos. A pedagogia utilizada nem sempre é a de uma comunidade evangelizadora. Falta clareza nos objetivos, critérios mais precisos e fidelidade às diversas etapas. Por fim, as questões eclesiológicas, marcadas por um nítido distanciamento da proposta do concílio Vaticano II, criam confusão em alguns e desilusão em outros. Não se sabe ao certo que Igreja queremos e, de conseqüência, que tipo de Seminário e de presbíteros se pretende. O *processo formativo*, por sua vez, não engrena porque falta uma pedagogia adequada. Até sabemos o que queremos, onde devemos chegar, mas não temos idéia de *como* chegar ao destino final. Faltam-nos os meios e a maneira como aplicar estes meios. Além do mais, temos muita dificuldade em encontrar uma *linguagem* adequada para a comunicação com a juventude dos nossos dias. Isto se agrava pela dificuldade em encontrar uma pedagogia que corresponda ao pluralismo de visões eclesiológicas muitas vezes mutuamente excludentes. O modelo de padre em vigor é ainda fortemente marcado



pelo clericalismo, sem muito espaço para a participação, a comunhão, a corresponsabilidade e a colegialidade. Os jovens do momento apresentam sérias lacunas afetivas, tendem ao aburguesamento, apresentam sérias dificuldades para a vivência de uma espiritualidade feita de intimidade com o Senhor, de silêncio e de comunhão com o próximo. Eles chegam com grandes lacunas intelectuais, sem um método e sem muito gosto pelo estudo. Falta honestidade intelectual, rigor científico e até mesmo conhecimentos elementares. Durante o processo formativo, os futuros presbíteros revelam-se pouco sensíveis, incapazes de ler e de interpretar a realidade “com olhos e coração de pastor”. Por fim, parecem pouco atentos à realidade local, nacional e mundial. Além desses problemas, duas outras questões deixaram os participantes muito preocupados. A primeira é de ordem econômica. A situação do continente é muito difícil. O neoliberalismo chega com seus tentáculos por todas as partes. A pobreza e a exclusão social continuam crescendo, com fortes reflexos para a vida nos Seminários. Foram muitos os testemunhos de Seminários que estão reduzidos ao mínimo de funcionamento. Em alguns lugares falta até mesmo dinheiro para comprar comida. Por isso verbas para investir em áreas essenciais como, por exemplo, a atualização de bibliotecas e o melhor pagamento de professores permanecem um sonho. Nota-se que há muito descaso por parte de Igrejas locais e uma grande falta de partilha. O outro problema sério diz respeito aos *Seminários de Movimentos*. Todos os representantes de países onde existem este tipo de Seminário foram unânimes em afirmar que ele causa sérios transtornos. Antes de tudo, porque formam sem nenhuma comunhão com as Igrejas locais onde estão. Possuem programas, métodos e ritmos paralelos ao dia-a-dia das dioceses. Consequentemente, apresentam aos bispos candidatos para serem ordenados sem que estes estejam em sintonia com a realidade onde deveriam depois evangelizar. Os padres provenientes destes seminários se julgam os únicos, os autênticos, os verdadeiros. Tendem a desprezar os demais. Normalmente são levados a organizar as comunidades no estilo do movimento a que pertencem, eliminando a riqueza da diversidade dos carismas” (Oliveira e Mendes, 2000)

Olhando para a frente

Em meio a tudo isso, é preciso ser cauto! A crítica pela crítica não faz revolução!

Por sua vez, é preciso escapar do “otimismo ingênuo”. Ele é crítico e bem intencionado, mas é ingênuo. Contenta-se com aquilo que está sendo



feito. Reproduz a última moda. Está interessado em ocupar o espaço, mas é incapaz de ser criativo, autônomo e original. Tende a ser conservador. Em sua visão retroativa potencializa o campo do possível já conquistado. Inclui-se entre os que estão vencendo e arvora para si o triunfo de quem, no momento, está em situação melhor do que os outros.

O “otimismo crítico”, também se alegra com as conquistas alcançadas, porém, sente-se impulsionado pela paz inquieta de quem percebe que as coisas podem ser de outra forma e quem sabe, ainda melhor². Caminhar é preciso!

Neste último aspecto, contrariando o dito popular de que “santo de casa não faz milagre”, me parece oportuno, necessário e justo, retomar o vigor exemplar de João Paulo II em sua carta-testamento, *Novo Millennio Ineunte* (2001). Com a ternura de Avô, em idade maior, e a sabedoria de Ancião, amadurecido na fé, o Santo Padre tranquiliza a todos em dizer que *não precisamos inventar a roda* na Evangelização no Novo Milênio.

Segundo o Papa, não é necessário “inventar ‘um programa novo’”. O programa já existe: é o mesmo de sempre, expresso no Evangelho e na Tradição viva. Concentra-se em última análise, no próprio Cristo, que temos de conhecer, amar e imitar, para nele viver a vida Trinitária e com ele transformar a história até sua plenitude na Jerusalém celeste. É um programa que não muda com a variação dos tempos e das culturas, embora se levem em conta o tempo e a cultura para um diálogo verdadeiro e uma comunicação eficaz. Esse programa de sempre é nosso programa para o terceiro milênio” (NMI 29).

Como se pode perceber, o texto é recorrente em afirmar que *Jesus Cristo é o mesmo, mas o seu anúncio requer uma Evangelização nova!* Prosseguindo, em atitude colegial, o Papa contextualiza a efetivação do programa e responsabiliza a todos(as), dizendo que “é nas Igrejas locais que se podem estabelecer as linhas programáticas concretas – objetivos e métodos de trabalho, formação e valorização dos agentes, busca dos meios necessários – que permitam levar o anúncio de Cristo às pessoas, plasmar as comunidades, permear em profundidade a sociedade e a cultura por meio do testemunho dos valores evangélicos” (NMI 29).

Por fim, João Paulo faz uma importante recomendação: “quanta riqueza, amados irmãos e irmãs, presente nas diretrizes que o Concílio Vaticano II nos deu! Por isso, na preparação para o Grande Jubileu, pedi à Igreja para *interrogar-se sobre a recepção do Concílio*. Aconteceu? O Congresso que se realizou aqui no Vaticano foi um momento dessa reflexão, e espero que, a seu modo, se tenha feito o mesmo em todas as Igrejas particulares. À medida



que os anos passam, *aqueles textos não perdem seu valor sem sua beleza*. É preciso que sejam lidos adequadamente, que possam ser conhecidos e assimilados, como textos qualificados e normativos do Magistério da Igreja. Concluído o jubileu, sinto ainda mais intensamente o dever de indicar o Concílio como a *grande graça de que se beneficiou a Igreja no século XX*: nele se encontra uma bússola segura para nos orientar no caminho que se inicia” (NMI 57).

O itinerário proposto não é nada modesto, como também não foi o do Vaticano II. Muito já tem sido feito, mas há muito ainda por “ser”, no novo milênio. Em uma análise mais profunda, não passa despercebido o fato de que o pós-Concílio abriu trilhas ainda não percorridas. Outras tantas, depois de um certo tempo, caíram no desuso e no esquecimento, graças à virtude daqueles que preferem os caminhos pavimentados³.

Em páginas que releio sempre que possível, faz algum tempo, encontrei algo muito importante. Trata-se de uma conferência de Dom Helder Câmara, pronunciada em Roma, em novembro de 1965 (Kloppenburg, 1966:529-534). Reproduzo aqui alguns trechos que permitem entrever as trilhas que o Concílio abriu.

“Bastem-nos os quatro séculos de *anti* que, no Ocidente, tiveram o triste efeito de secar a Teologia, de quase esvaziá-la. Desejamos a Teologia que para sempre faz da Bíblia o seu pão de vida; que bebe da água profunda e pura da Patrística; lucidamente fiel às orientações do Magistério vivo; em relação estreita com a liturgia, em relação inteligente com as ciências, em clima ecumênico; pondo firmemente os olhos na terra dos homens e tendo os olhos abertos para as viagens espaciais”.

“Que as leis e as prescrições estejam em ligação profunda com a Teologia e com a vida real. O moralismo e o juridicismo muito mal têm feito à Igreja de Cristo. Eles são gravemente responsáveis pelo afastamento de muitos homens; pela indiferença de número ainda maior de outros; e pela falta de interesse daqueles que poderiam olhar a Igreja com simpatia, mas que são presa de desgosto face ao nosso farisaísmo”.

“Que o espírito de diálogo esteja sempre presente. Induza ele, deveras, a escutar todo o Povo de Deus presente na Diocese, e, de modo geral e na medida do possível, todos os homens de boa vontade”.

Em vista destas grandes perspectivas, o arcebispo de Olinda e Recife sugere algumas indicações práticas, “sempre com a intenção única de dialogar”:



“A) Nós, os excelentíssimos, temos necessidade de uma excelentíssima reforma. Ao menos cumpre-nos: para começar, *uma simplificação do nosso traje e do nosso teor de vida; dar o exemplo de vivermos num clima de serviço e de pobreza; dar aos nossos padres o exemplo de verdadeira Encarnação, conforme o exemplo de Cristo; realizar a reforma da Cúria Diocesana; constituir um autêntico presbitério, o nosso*”.

“B) Nós os reverendíssimos, temos necessidade de uma reverendíssima reforma. Cumpre-nos chegar, ao menos: *a configurar, à luz do Vaticano II e à escuta de todo o povo de Deus, o perfil do Sacerdote para este fim de século; a conquistar nossos Sacerdotes para o Vaticano II.(...) Nossos padres esperam-nos em nossa casa e exigem que sejamos os primeiros a pôr em prática os textos que votamos*”.

“C) Os religiosos e as religiosas têm necessidade de uma religiosíssima reforma. Cumpre chegarmos, ao menos: *a ajudar as Religiosas a serem adultas, como mulheres e como cristãs; a ajudar as religiosas a reexaminarem e reaprofundarem seus votos; a ajudar as religiosas de vida contemplativa a seguirem a vida da Igreja e da humanidade, para melhor rezarem pelo ser humano, e ajudar as religiosas de vida ativa a se integrarem nos planos de apostolado da diocese*”.

“D) Os leigos, os fiéis de Cristo necessitam de uma mui fiel reforma. Cumpre chegarmos, ao menos: *a vencer da parte dos bispos e dos sacerdotes, a tentação de falarem belamente sobre a maioridade dos leigos, sobre a sua promoção, mas, na prática, de preferirem leigos “menores”; – da parte dos leigos, a tentação de quererem os direitos de adultos sem lhes aceitarem os deveres. Às vezes, os leigos são mais clericais do que os próprios sacerdotes. Às vezes, os leigos tornam-nos clericais, a nós sacerdotes; a sobrepujar diminutas vaidades e grotescas rivalidades entre agrupamentos de apostolado, dado haver trabalho para todos; a começar ou a intensificar o preparo de teólogos-leigos, homens e mulheres, necessários sempre mais à Igreja de Cristo*”.

“E) E então, mas somente então, o Povo de Deus estará preparado para viver, dentro do mundo a que pertence, a presença de Cristo, tão fundamental para a humanidade”.

O texto me parece brilhante! Até favorece retomar a indagação do Papa João Paulo II à Igreja, para *interrogar-se sobre a recepção do Concílio*. Aconteceu? (*Novo Millennio Ineunte* 57)



A Metodologia do Processo Formativo

Em se tratando da Formação Presbiteral, o caminho não será outro do que o da Evangelização, indicado pelo Santo Padre, no novo milênio. Disso podemos inferir que:

- seguimento de Jesus Cristo e o encontro com Ele, é o fundamento de toda formação cristã, sobretudo, de modo especial, o da formação do Presbítero;
- a responsabilidade efetiva e afetiva em promover as vocações, todas as vocações e, com especial solicitude, a do presbítero e assim, prover-lhe sólida vivência comunitária e engajamento na evangelização, mediante o real desenvolvimento da dimensão humana, espiritual, intelectual e pastoral, recai *irrevogavelmente* na Igreja local;
- a formação presbiteral ficará seriamente comprometida se, mesmo contrariando outros interesses e orientações, não retomar o Concílio Vaticano II como balizamento das diretrizes e objetivos que norteiam o processo formativo e a prática educativa.

Naquilo que lhe compete, há mais de quatro anos (1998-2001), a OSIB vem refletindo sistematicamente estas questões, sob o tema da METODOLOGIA DO PROCESSO FORMATIVO. Com a mesma seriedade, insistentemente, tem remetido suas conclusões aos bispos e formadores(as). Sempre que possível tem convocado a todos(as) para o diálogo franco e aberto, tal como aconteceu por ocasião do Iº Seminário Nacional sobre a Formação Presbiteral da Igreja no Brasil, realizado de 13 a 17/08/2000, em Belo Horizonte, e mais recentemente, em sua XIIª Assembléia Nacional – Fórum de Estudos e Debates sobre a Formação Presbiteral, realizada de 06 a 10/02/2001, em Itaiaci.

Neste sentido, ao retomar a Metodologia do Processo Formativo, o que a OSIB se propõe é discutir a Formação Presbiteral na perspectiva do método pedagógico. Significa levar em conta a sua complexidade e suas implicações na condução e redimensionamento da prática educativa. Trata-se de superar o *pragmatismo de resultados*, para retomar a difícil articulação entre *a visão filosófica e a intenção pedagógica*, como embasamento indispensável, na condução do processo educativo. O que isso significa?

Em primeiro lugar, *anuncia* que a formação presbiteral deixa de ser mera aplicação de princípios e normas, planejamento de atividades, etc, historicamente consagrados como “receita”, para ser entendida como processo global, orgânico, progressivo e permanente; que o formador, até então visto como executor de uma tarefa previamente estabelecida (a receita),



compreendendo-se agora um educador/pedagogo, precisa recriar sua identidade e sua ação educativa, informado/formado pela ciência pedagógica; que o formando, até então mero espectador, torne-se o protagonista principal de sua educação e sujeito no processo educativo. Em segundo lugar, indica que temos um longo caminho a percorrer tendo em vista superar os vícios e a acomodação.

Como se sabe, *metodologia* tem a ver com *método*, que significa caminho. Caminho a percorrer! Diz respeito a um modo de proceder. Supõe ação conjugada da teoria e da prática. Relaciona-se com o pensar global sem perder de vista o agir local. Leva em conta o ver, julgar e agir. Considera o antes, o durante e o depois. Exercita os passos do planejar, executar e avaliar, etc. É praxis: pensar a ação – efetivar a ação – amparar suas conseqüências. Tem em vista o agir consciente e responsável! Por se tratar de uma Metodologia *do Processo Educativo*, além de considerar o movimento dinâmico que isso implica, pois é processual, precisa dar-se conta de que intervir gradual e pedagogicamente é parte integrante do agir educativo.

O método, como reflexão, indica e clareia o rumo a ser tomado. Tem a função de bússola. Não faz o caminho, mas é indispensável em traçar a direção. Por sua vez, na prática, o método explicita os procedimentos, aprimora as condições e potencializa as possibilidades.

Na perspectiva da formação presbiteral, alguns dos elementos integrantes da metodologia do processo formativo já estão dados (por exemplo, o contexto – diocesano ou congregacional –, as etapas da formação, as dimensões básicas). Tais aspectos foram sendo amadurecidos ao longo do processo e precisam ser revisados; no entanto, garantem uma certa unidade na caminhada, como balizas referenciais. Realizar a devida articulação desses elementos, adequando-os de acordo com a realidade, segundo as necessidades, conforme as condições disponíveis, e os objetivos a serem alcançados, faz parte da condução do processo educativo por parte do formador ou, sempre que possível, da equipe de formadores. Tal aspecto demanda trabalho em equipe, plano de formação, estudo, formação específica, recursos, habilidades etc, que, podendo ser um dom, no mais das vezes, são uma conquista resultante do empenho e dedicação.

É preciso ressaltar sempre, a importância do Plano de Formação e da Equipe de Formadores(as). Sem isso, qualquer outra iniciativa será como um corpo sem coluna vertebral. Se de um lado, o Plano de Formação precisa ter uma visão global e orgânica do processo formativo, ubicado no contexto eclesial (universal, latino-americano, nacional, regional, diocesano/congregacional) e, na realidade social globalizada (economia, política, cultura), por outro, ao indicar os procedimentos pedagógicos e orientar o planejamento



da vivência e convivência, deverá saber dosar o nível pessoal e comunitário, sendo capaz de articular as dimensões básicas (humano-afetiva, espiritual, intelectual e pastoral), nos diversos ambientes da formação (escola, pastoral, trabalho, etc).

É evidente que, para tal propósito, não bastam algumas poucas pessoas e outros tantos contatos telefônicos, ou conversas de corredores. Somente uma equipe de formadores(as), que se concentra e se encontra periodicamente, poderá estabelecer critérios de ação e de discernimento confiáveis. Só assim perceberá suas necessidades, e saberá buscar ajudas específicas em campos diversos (metodológico, psico-pedagógico, espiritual, etc), para si e para o trabalho. De outra maneira, por mais que a boa vontade seja grande, qualquer “santo” (a) se sentirá impedido de levar a termo a preciosa missão de educar.

Lembrar que, nestas áreas fundamentais, a saber, *a formação de formadores(as), o plano de formação e o trabalho em equipe*, é onde mais improvisamos, não é exagero! No contexto brasileiro é algo que deverá ser priorizado, caso se queira levar em frente o Projeto ser Igreja no Novo Milênio!

A título de palavras finais

Segundo parece, não há o caminho das pedras a ser perseguido no itinerário pedagógico da formação presbiteral no novo milênio. O caminho se faz caminhando! No entanto, o conhecimento, a reflexão e o exercício constante e perseverante das contribuições advindas das orientações do Magistério, dos estudos realizados na OSIB e das exigências da realidade, poderão se transformar em um agir conseqüente e adequado aos desafios da prática pedagógica em nossos seminários, casas de formação e institutos.

De qualquer forma, *indispensável* é o confronto pessoal e comunitário, fiel e sincero, com o seguimento de Jesus, o Cristo, testemunha do Pai, pobre e servidor, interlocutor do seu tempo, solidário com sua gente. *Fundamental* é resgatar a Palavra como fonte de espiritualidade, e regra de vida. *Necessária* é a formação acadêmica metódica, rigorosa e criteriosa dos formados e educadores (formadores/as, professores/as). *Urgente* é alargar as fronteiras do seminário, incorporando novos espaços de formação.

Endereço do Autor:

SEFISC - Cx. Postal 1508
Rua Osvaldo Niebuhr, 680
88352-191 BRUSQUE, SC



Bibliografia:

- ANTONIAZZI, A. (1997) *A formação Teológica do Presbítero*. Encontro da linha I da CNBB. Belo Horizonte. Mimeo.
- BARROS, M. (2001) *Presbíteros de hoje no mundo de amanhã*. In: Revista Vida Pastoral, Jan/Fev [ano XLII – nº 216].
- BENEDETTI, L.R. (1999) *O 'novo clero': Arcaico ou Moderno?* In: REB, Março [nº 233].
- BLAUMEISER, H. (1990) *Seminário Diocesano: caminhada e desafios*. In: Perspectivas de Comunhão, Nov/Dez [ano II – nº 06].
- CNBB (2000) *Projeto Ser Igreja no Novo Milênio: Olhando para a frente*. Brasília
- CUÉNOT, M. (1993) *A Formação Presbiteral e o desafio da Cultura*. In: Revista Encontros Teológicos, n. 14 (1993/1), p. 38-41.
- JOÃO PAULO II (1984) Discurso aos Bispos do CELAM, em São Domingos.
- JOÃO PAULO II (2001) *Carta Apostólica Novo Milênio Ineunte*. São Paulo : Editora Paulus & Loyola.
- KLOPPENBURG, B. (1966) *Concílio Vaticano II – Quarta Sessão (set.-dez. 1965)*. Petrópolis : Ed. Vozes.
- NERY, P. (2000) *Que eu possa ver de novo*. In: OSIB Informa, Agosto [ano 14 – nº 29].
- OLIVEIRA, J.L.M. e MENDES, V.H. (2000) *XVI Assembléia da OSLAM*. In: Encarte do Boletim da CNBB [nº 552].

Notas

¹ Para ser sincero, minha disposição ao escrever esta reflexão, não é a de fazer um ARTIGO, em seu sentido rigoroso. A entonação é mais a de uma conversa familiar, ou como dizem, na região a que pertencço, no planalto serrano de Santa Catarina, a intenção é a de “puxar uma prosa”. Na verdade, estou trazendo à memória uma infinidade de rostos conhecidos: formadores e formadoras, formandos e formandas de ontem e de hoje, de outras terras que tive a graça de conhecer. Homens e mulheres de boa vontade que, animados no Seguimento de Jesus Cristo, acreditam que as coisas podem ser diferentes, e quem sabe, melhores, no amanhã que já começou ontem. Me sinto em “prosa” com vocês!

² Lembrei-me com gratidão de Hélder Câmara que, ao celebrar os seus 80 anos de vida, diante de todos os seus irmão bispos, ao contemplar os desafios para a missão da Igreja no Brasil, dizia, concluindo: “... mas quanto maiores os desafios, mais apaixonante é a tarefa”.

³ Fico impressionado ao constatar que na onda atual, a ousadia dos mais jovens, preocupados em ter que “fazer” algo que supere a si mesmo ou, os(as) trabalhadores(as) da primeira hora (“idosos”?), permaneça na satisfação de *reproduzir*



o antigo em novos moldes. Quando não se desenvolve o SER, copiar é o caminho mais seguro. “É preciso resistir a esta tentação, procurando o ‘ser’ ao ‘fazer’” (*Novo Millennio Ineunte* 15).

REVISTAS EM PERMUTA COM ENCONTROS TEOLÓGICOS

Amazônia – Belém do Pará, Brasil
Atualização - Belo Horizonte, MG, Brasil
Cadernos do Cearp - São Paulo, SP, Brasil
Cadernos da Estef - Porto Alegre, S, Brasil
Caminhando com o Itepa - Passo Fundo, RS, Brasil
Cuadernos de Teología - Buenos Aires, Argentina
Direito e Pastoral – Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Efemérides Mexicanas - México, D.F., México
Estudos Teológicos – São Leopoldo, RS, Brasil
Fragmentos de Cultura – Goiânia, GO, Brasil
Humanística e Teologia – Porto, Portugal
Isidorium - Sevilha, Espanha
Itinerários – Brasília, D.F., Brasil
Labor Theologicus – Caracas, Venezuela
Medellin – Bogotá, Colombia
Missioneira - Santo Ângelo, RS, Brasil
Mundo e Missão – São Paulo, SP, Brasil
Nossa Voz - Rio Grande do Sul, Brasil
Pergunte e Responderemos – Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Perspectiva Teológica – Belo Horizonte, MG, Brasil
REB - Petrópolis, RJ, Brasil
Renovação – Porto Alegre, RS, Brasil
Revista Augustiniana – Madrid, Espanha
Revista Bíblica Brasileira – Fortaleza, CE, Brasil
Revista Christus – México, D.F., México
Revista de Catequese – São Paulo, SP, Brasil
Revista de Cultura Teológica - São Paulo, SP, Brasil
Revista de Liturgia – São Paulo, SP, Brasil
Revista de Pensamiento y Opinión – Barcelona, Espanha
Revista Espaços – São Paulo, SP, Brasil
Revista Rhema – Juiz de Fora, MG, Brasil
Revista Razão e Fé – Porto Alegre, RS, Brasil
Revista Sem Fronteiras – São Paulo, SP, Brasil
Revista Vida Pastoral - São Paulo, SP, Brasil
Spiritus - Quito, Equador
Rivista di Pastorale Liturgica – Brescia, Itália
Tempo e Presença - Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Teocomunicação – Porto Alegre, RS, Brasil
Trilhas – Curitiba, PR, Brasil
The Princeton Seminary Bulletin – Princeton, New Jersey, E.U.A.

ENCONTROS Teológicos

Uma das características do final do século passado foi, sem dúvida, a emergência do feminino. O artigo parte de uma experiência localizada em Florianópolis, junto a lideranças femininas de uma comunidade pobre e negra nos morros perto do centro da cidade, a comunidade “Mont Serrat”. A autora procurou analisar as relações de gênero – relações sociais de sexo – na chamada Igreja dos pobres, naquela realidade concreta e determinada do Morro da Caixa, na Ilha. Alertando para o fato de são “questões de gênero, raça e classe” que constroem as desigualdades, a autora constatou que naquela comunidade há um processo de superação das diferenças, através da participação e da conscientização. As ambigüidades, porém, continuam e, segundo a autora, “parecem solicitar dos poderes que mulheres e homens têm em seus corpos a invenção de um milênio mais solidário, que inclui a aceitação do poder do/a outro/a como exigência prática para novas e fecundas relações humanas”. E isto, não só na sociedade, mas também na Igreja.

A invenção de um novo milênio: Questões de gênero na sociedade e na Igreja

Marta Magda Antunes Machado
 Mestra em Ciências da Religião e Licenciada em Letras, leciona Sociologia da Religião e Pastorais Sociais